

Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878



Ensaio Teológico está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

AS BEM-AVENTURANÇAS: O CAMINHO (TEO)LÓGICO DO DISCIPULADO The Beatitudes: the (theo)logical way of the discipleship

Flaviano Nogueira Siedeliske¹

RESUMO

O presente artigo analisa a passagem das bem-aventuranças, compreendida em Mateus 5.3-12, e desenvolve a ideia apresentada por Martyn Lloyd-Jones de que elas estão organizadas numa sequência lógica e espiritual. Para tal, a passagem foi submetida à análise de seus contextos histórico, cultural e literário; também foram apresentadas as análises de personagem, léxica, estilística, verso a verso e teológica, além de relacioná-la com o texto de Lucas 6.20-23. Dessa maneira, baseado no pensamento de autores como Lloyd-Jones, D. A. Carson e Russel Shedd, dentre os resultados obtidos nessa pesquisa, destaca-se que a existência de uma sequência lógica e espiritual é uma leitura plausível para a passagem, sendo ela uma espécie de caminho percorrido por aquele que deseja ser um discípulo de Cristo.

Palavras-chave: Bem-aventuranças. Discípulo. Evangelho de Mateus. Sermão do Monte.

ABSTRACT

This article analyzes the text of the beatitudes, in Matthew 5.3-12, and develops the idea presented by Martyn Lloyd-Jones that the text is organized in a logical and spiritual sequence. For that, the text was submitted to an analysis of its historical, cultural and literary contexts; was presented the character, lexical, stylistic, verse by verse and theological analysis as well, in addition to relating it to Luke 6.20-23. So, based in authors like Lloyd-Jones, D. A. Carson and Russel Shedd, among the results obtained in this research, it stands out that the existence of a logical and spiritual sequence is a possible

¹ Graduando em Teologia pela Faculdade Batista do Paraná (FABAPAR); Pós-Graduado em Teologia e Interpretação Bíblica pela Faculdade Batista do Paraná (FABAPAR); Licenciado em Letras pelas Faculdades Integradas Santa Cruz de Curitiba (FARESC); E-mail: Flavianosiedeliske@gmail.com.

hypothesis for the text, and the text is a kind of path to be traveled by one who wishes to become a disciple of Christ.

Keywords: Beatitudes. Disciple. Gospel of Matthew. The Sermon on the Mount.

INTRODUÇÃO

O Sermão do Monte (Mt 5-7) é um texto que despertou muito o interesse dos cristãos ao longo do tempo, sejam estudiosos, pregadores ou leigos. A primeira perícopes presente neste sermão está localizada em Mateus 5.3-12 e é conhecida como *as bem-aventuranças*, e será essa a perícopes a ser analisada neste artigo.

Este estudo justifica-se pelo fato de que, no Sermão do Monte, localiza-se o mais conhecido ensino de Jesus a respeito da ética e moral,² sendo que as bem-aventuranças são parte central desse ensino. Além disso, tal ensino está descrito no Evangelho de Mateus, o mais influente na história da igreja, citado pelos pais da Igreja mais que qualquer outro dos Evangelhos³, demonstrando sua importância para os estudos teológicos.

O objetivo desta pesquisa é demonstrar que, como afirma Martyn Lloyd-Jones,

Não há que duvidar que essas bem-aventuranças foram arrumadas em uma sequência bem definida. Nosso Senhor não as colocou em suas respectivas posições por mero acaso, acidentalmente; antes, há nelas aquilo a que poderíamos denominar de *sequência lógica e espiritual*.⁴

Logo, a partir da ideia de Lloyd-Jones, este artigo terá o objetivo de desenvolver a teoria da existência de uma *sequência lógica e espiritual* no discurso das bem-aventuranças. Para isso, elas serão divididas em três grupos: 1) *bem-aventuranças de arrependimento* (v. 3-4); 2) *bem-aventuranças de santificação* (v. 5-9); e 3) *bem-aventurança de consequência* (v. 10-12).

A hipótese defendida é que essa é uma leitura possível do texto, sendo que os resultados a serem obtidos ao longo da pesquisa poderão corroborar com essa teoria, demonstrando que as bem-aventuranças podem ser encaradas como uma espécie de “caminho”, tanto lógico como espiritual, que o discípulo pode percorrer ao converter-se e assim buscar desenvolver um caráter compatível com as ordenanças do Reino de Deus.

1. ASPECTOS INTRODUTÓRIOS

Inicialmente, será exposta a visão geral do texto, para em seguida trabalhar-se com as questões de datação e autoria do Evangelho. Também serão demonstrados os critérios para a delimitação da perícopes e algumas diferenças nas traduções da Língua Portuguesa.

² STOTT, W. R. J. **A mensagem do Sermão do Monte**. 3.ed. São Paulo: ABU, 1985, p. 1; SHEDD, Russel P. **A felicidade segundo Jesus: reflexões sobre as bem-aventuranças**. São Paulo: Vida Nova, 1998, p. 9.

³ MORRIS, Leon. **Teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2003, p. 135; FEE, Gordon D.; STUART, Douglas. **Como ler a Bíblia livro por livro: um guia confiável para ler e entender as escrituras sagradas**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2019, p. 265.

⁴ LLOYD-JONES, David Martyn. **Estudos no Sermão do Monte**. São José dos Campos: Fiel: 2015, p. 37, grifo meu.

1.1 Visão geral

O texto bíblico que será analisado nesta pesquisa é o de Mateus 5.3-12, todavia, num primeiro momento é interessante ver, também, os dois primeiros versos do capítulo:

Vendo Jesus as multidões, subiu ao monte, e, como se assentasse, aproximaram-se os seus discípulos; e ele passou a ensiná-los, dizendo: Bem-aventurados os humildes de espírito, porque deles é o reino dos céus. Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados. Bem-aventurados os mansos, porque herdarão a terra. Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão fartos. Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia. Bem-aventurados os limpos de coração, porque verão a Deus. Bem-aventurados os pacificadores, porque serão chamados filhos de Deus. Bem-aventurados os perseguidos por causa da justiça, porque deles é o reino dos céus. Bem-aventurados sois quando, por minha causa, vos injuriarem, e vos perseguirem, e, mentindo, disserem todo mal contra vós. Regozijai-vos e exultai, porque é grande o vosso galardão nos céus; pois assim perseguiram aos profetas que viveram antes de vós (Mt 5.1-12).⁵

De início, observa-se que o Sermão do Monte, discurso maior no qual as bem-aventuranças estão contidas, é endereçado aos discípulos, pois são esses que se aproximam (v. 1) e são ensinados por Jesus (v. 2), em oposição à multidão citada em Mateus 4.25, ainda que esses discípulos não sejam exclusivamente os doze apóstolos.⁶ Logo, as bem-aventuranças também se endereçam aos discípulos. Também é interessante notar quais são as características dos bem-aventurados: 1) humildade de espírito; 2) choro; 3) mansidão; 4) fome e sede de justiça; 5) misericórdia; 6) pureza de coração; 7) promoção da paz; e 8) perseguição por causa da justiça; totalizando, assim, oito bem-aventuranças.⁷

1.2 Delimitação do texto

Para delimitar a perícopes analisada, alguns critérios foram observados. Primeiro, percebe-se que houve uma mudança de espaço, pois Jesus muda de “toda a Galileia” (Mt 4.23-25) para um monte (5.1); e, conseqüentemente, há uma mudança de estilo, pois o texto salta de uma narrativa para um discurso de Jesus. Por fim, nota-se uma mudança de assunto: em Mateus 4.23-25 são narrados o ensino e as curas de Jesus pela Galileia; já em 5.1-2 é introduzido o Sermão do Monte; o tema das bem-aventuranças se estende do verso 3 até o 12; e, em seguida, Jesus muda de assunto novamente falando sobre o sal da terra e luz do mundo (v. 13-16).

⁵ Todas as citações bíblicas seguirão a tradução Almeida Revista e Atualizada – ARA, salvo indicação contrária.

⁶ FRANCE, R. T. Mateus. In: CARSON, D. A. [et al.]. **Comentário bíblico**: Vida Nova. São Paulo: Vida Nova, 2009, p. 1369; STOTT, 1985, p. 6; e WIERSBE, Warren W. **Comentário bíblico expositivo**: Novo Testamento. Santo André: Geográfica, 2006, p. 23. Todavia, não são todos os estudiosos que concordam com essa visão. D. A. Carson (CARSON, D. A. **O Sermão do Monte**: exposição de Mateus 5 – 7. São Paulo: Vida Nova, 2018, p. 15), por exemplo, defende que a palavra grega para *discípulo* pode designar qualquer um que esteja aprendendo naquele momento, independente do grau de compromisso da pessoa. John Wesley (WESLEY, John, 1703-1791. **O Sermão do Monte**. São Paulo: Vida, 2012, p. 65) também defende que tal sermão não é destinado somente aos discípulos, mas a multidão que seguia Jesus ao subir o monte.

⁷ Nessa pesquisa, o foco está nas características elencadas acima, e não nas bênçãos que as seguem.

1.3 Data e autoria

O primeiro Evangelho na ordem canônica não declara quem é seu autor, sendo que o primeiro conhecido que atribuiu a autoria ao apóstolo Mateus foi Papias, em aproximadamente 125 d.C.⁸ Todavia, como defendem os professores Carson, Moo e Morris, não há provas de que tal Evangelho não era designado como *kata Maththaion* (segundo Mateus), antes mesmo de Papias atribuir-lhe a autoria.⁹

Ex-coletor de impostos escolhido por Jesus para ser um apóstolo (Mt 9.9; Mc 2.14, 15; Lc 5.27, 29), Mateus possivelmente era, como afirma Blomberg, alguém próspero, ainda mais se seguia a prática comum de cobrar uma taxa a mais nos impostos, para fins de obter lucro pessoal.¹⁰ Outro ponto interessante é sobre seu nome, pois há versos em que ele é chamado Mateus (Mt 9.9) e versos em que é chamado Levi (Mc 2.14). Blomberg explica que “era comum os judeus terem dois ou até três nomes”, sendo que Levi é o nome do filho de Jacó (Gn 29.34) e Mateus significa “presente de Deus”, em aramaico.¹¹

Com relação à data da escrita de Mateus, a mesma é desconhecida; no entanto, após oferecer uma densa discussão sobre o tema, Carson, Moo e Morris sugerem uma data entre 60 e 70 d.C., mesmo afirmando que a maioria defende uma data posterior, entre 80 e 100 d.C.¹²

1.4 Diferentes traduções

Analisar as diferentes traduções de uma perícopé é importante para, além de buscar compreender como os tradutores interpretaram e adaptaram os verbetes para seu contexto atual, visualizar novas possibilidades de análise e interpretação das passagens. Da perícopé em questão, destacam-se duas expressões para análise.

Primeiramente, a expressão traduzida, na ARA,¹³ como *bem-aventurados* (v. 3-11) aparece como *felizes*, nas traduções da Nova Bíblia Viva¹⁴ e da Edição Pastoral.¹⁵ Outra expressão que merece destaque é *humildes de Espírito* (v. 3), que foi traduzida como *pobres de espírito* na ARC;¹⁶ *pobres em espírito* na KJA¹⁷ e na Edição Pastoral; e *humildes* na Nova

⁸ FEE; STUART, 2019, p. 265.

⁹ CARSON, D. A.; MOO, Douglas J.; MORRIS, Leon. **Introdução ao Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1997, p. 72-74.

¹⁰ BLOMBERG, Craig L. Mateus. In: GARDNER, Paul. **Quem é quem na Bíblia Sagrada**. São Paulo: Vida, 2005, p. 442.

¹¹ BLOMBERG, 2005, p. 442.

¹² CARSON; MOO; MORRIS, 1997, p. 85-90.

¹³ BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**. Traduzida em português por João Ferreira de Almeida. Revista e Atualizada no Brasil. 2.ed. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

¹⁴ BÍBLIA. Português. **Nova Bíblia Viva**. São Paulo: Mundo Cristão, 2010.

¹⁵ BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**: Edição Pastoral. São Paulo: Sociedade Bíblica Católica Internacional / Paulinas, 1990.

¹⁶ BÍBLIA. Português. **Bíblia de promessas**. Versão Revista e Corrigida na grafia simplificada, da tradução de João Ferreira de Almeida. São Paulo: King's Cross Publicações, 2010.

¹⁷ BÍBLIA. Português. **Bíblia King James Atualizada (KJA)**. São Paulo: Abba Press & SBIA, 2012.

Bíblia Viva. O motivo dessas diferenças e as implicações da escolha de determinada tradução serão analisadas no decorrer do artigo.¹⁸

2. O CONTEXTO BÍBLICO

Estudar o contexto de uma passagem bíblica é de extrema importância, pois Deus “escolheu falar suas verdades dentro das circunstâncias e dos eventos específicos da história humana”.¹⁹ Diferentemente das epístolas, que possuem um contexto unidimensional, ou seja, Paulo, em 54 d.C., escreve para Corinto, que também estava em 54 d.C.; os Evangelhos possuem um contexto tridimensional:²⁰ 1) ditos e narrativas sobre Jesus; 2) tempo de preservação dos mesmos pela igreja; e 3) seleção, arranjo e adaptação daqueles pelo evangelista. Assim, serão analisados separadamente o contexto histórico e cultural do evangelista e do próprio Jesus,²¹ para, por fim, estudar-se o contexto literário da passagem.

2.1 Contexto histórico e cultural: evangelho e evangelista

Uma vez que as diferentes comunidades de cristãos, em diferentes contextos, necessitavam de um livro falando de Cristo, deu-se razão para a escrita dos quatro Evangelhos.²² Mateus possui certo “sabor de judaísmo”, assim, não é de se admirar a recusa de Marcião de aceitá-lo em seu cânon, visto que ele era avesso a tudo que era judaico.²³ Esse “sabor de judaísmo” se dá quando o autor relaciona a história de Jesus com a de Israel, como é o caso em sua genealogia (1.1-17), o cumprimento de profecias (1.22-23; 2.15, 23; 8.17), o ensino sobre a lei (5.17-48) e a referências às ovelhas perdidas de Israel (10.6). Todavia, Mateus não se restringe apenas ao lado judaico, mas o evangelho apresenta interesse pela missão aos gentios, como no caso da genealogia de Jesus (1.5) e na Grande Comissão (28.18-20).²⁴ Dessa maneira, pode-se inferir que a escrita deste Evangelho se deu num contexto de divisão entre a sinagoga e a igreja, provavelmente a respeito da sucessão das promessas do Antigo Testamento.²⁵

¹⁸ Outras diferenças menos relevantes são: o uso de *afritos*, na Edição Pastoral, no lugar de *os que choram* (v. 4); *humildes*, na KJA, no lugar de *mansos* (v. 5); e, no lugar de *limpos de coração* (v. 8), o uso de *coração puro*, na Nova Bíblia Viva, e *puros de coração*, na Edição Pastoral.

¹⁹ FEE, Gordon D; STUART, Douglas. **Entendes o que lêes?** Um guia para entender a Bíblia com auxílio da exegese e da hermenêutica. 3.ed. revisada e ampliada. São Paulo, Vida Nova, 2011, p. 15.

²⁰ STUART, Douglas; FEE, Gordon D. **Manual de exegese bíblica**. São Paulo: Vida Nova, 2008, p. 218-219.

²¹ Conforme Fee e Stuart (2011, p. 160), “descobrir o contexto histórico de Jesus [...] não é algo que necessariamente afetará o significado básico de um determinado dito. Contudo, o fato de conhecê-lo ampliará nossa perspectiva e muitas vezes nos ajudará a compreender *a razão de ser* daquilo que Jesus disse” (grifo dos autores).

²² FEE; STUART, 2011, p. 155.

²³ MORRIS, 2003, p. 138; CARSON; MOO; MORRIS, 1997, p. 92.

²⁴ FEE; STUART, 2019, p. 266.

²⁵ FEE; STUART, 2019, p. 267.

2.2 Contexto histórico e cultural: Jesus

Quando se trata do contexto em torno do próprio Jesus, para essa pesquisa é interessante observar dois pontos: a visão judaica da época sobre o Reino de Deus e a atuação do partido dos zelotes. Primeiramente, Lloyd-Jones²⁶ expõe qual era a visão dos judeus contemporâneos de Cristo acerca do reino de Deus: encaravam o Messias como um líder militar, que lhes conferiria emancipação política, e liberdade da servidão e impostos do Império Romano; o autor ainda comenta que “foi por esse motivo que Mateus apresentou o verdadeiro ensino a respeito do reino logo nas primeiras páginas do seu Evangelho, porque o grande propósito deste sermão é o de oferecer uma exposição do reino como uma realidade essencialmente espiritual”.²⁷ Assim, para Lloyd-Jones, Jesus pronunciou o Sermão do Monte, e, obviamente, as bem-aventuranças para combater essa visão materialista e militarista do Reino de Deus.

Apesar da maioria dos problemas de Cristo ser com os fariseus, o destaque para esse artigo é outro grupo: os zelotes. Os zelotes eram um movimento que, inspirados pelas vitórias dos macabeus, no período inter-bíblico, constituía-se de judeus radicais, que odiavam o governo estrangeiro e pagão que estava sobre Israel e desejavam estabelecer o Reino de Deus através da força, da guerra e da espada.²⁸ Todavia, Jesus deixou claro nas bem-aventuranças, e em todo Sermão do Monte, que o Reino de Deus não pertence àqueles que querem trazê-lo pela espada, mas sim aos *humildes de espírito* e aos *perseguidos por causa da justiça*, sendo que somente os *mansos* herdarão a terra e os *limpos de coração* verão a Deus.

Dessa forma, pode-se inferir que, no discurso do Sermão do Monte, Cristo desejava combater uma visão distorcida do Reino de Deus, sendo esse não uma realidade política ou militar, mas uma realidade espiritual. Além disso, não é o partido religioso a qual se pertence, nem a força que se possui, nem sequer o ódio aos governos pagãos, mas são as bem-aventuranças que demonstram o caráter dos verdadeiros discípulos do Messias.

2.3 Contexto literário

Os estudiosos Douglas Stuart e Gordon Fee afirmam que “o contexto literário tem a ver com o motivo de alguma coisa ter sido dita em determinado ponto no argumento ou narrativa”.²⁹ Para isso, os mesmos propõem algumas perguntas a serem feitas para o próprio texto: por que tal perícopes foi preservada pela tradição? Como ela funciona na narrativa? Como ela se encaixa nos propósitos narrativos do autor?³⁰ Como o texto das bem-aventuranças está contido no chamado Sermão do Monte, será realizada uma análise introdutória deste sermão.

²⁶ LLOYD-JONES, 2015, p. 15, 57.

²⁷ LLOYD-JONES, 2015, p. 15.

²⁸ LADD, George Eldon. **Teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Hagnos, 2003, p. 89; MCCONVILLE, Gordon. História Bíblica. In: CARSON, D. A. [et al.]. **Comentário bíblico**. Vida Nova. São Paulo: Vida Nova, 2009, p. 70.

²⁹ STUART; FEE, 2008, p. 205.

³⁰ STUART; FEE, 2008, p. 221, 224.

Primeiramente, uma das maneiras de se observar a estrutura do Evangelho de Mateus é através dos cinco grandes discursos de Cristo relatados em tal livro:³¹ 1) Mateus 5-7 – discipulado; 2) Mateus 10.5-42 – apostolado; 3) Mateus 13.1-52 – o ocultar da revelação; 4) Mateus 18.1-35 – a administração da igreja; e 5) Mateus 23-25 – o juízo.³² Dessa maneira, o assim chamado Sermão do Monte é o primeiro discurso de Jesus, cujo tema é *discipulado*, e, estando as bem-aventuranças inseridas nesse discurso, obtém-se as mesmas refletem essa temática.

É interessante refletir sobre a posição de Tasker: o mesmo defende que a expressão *Sermão do Monte* é enganosa. Para o autor, o mais provável é que não se trate de um discurso único de Jesus, mas sim de uma coletânea de seus ditos sobre o discipulado. O argumento utilizado pelo autor é que muitos ditos do Sermão do Monte são encontrados em diferentes contextos no Evangelho de Lucas.³³ Em concordância a essa ideia, France demonstra que os cinco discursos de Jesus registrados em Mateus podem ser, na realidade, cinco antologias temáticas de seus ensinamentos.³⁴ O foco desse artigo não é responder a questão da composição da estrutura do Sermão do Monte, mas é interessante notar as diferentes teorias a respeito do mesmo, que aumentam sua complexidade e possibilidades de análise.

Sobre a divisão do Sermão do Monte, Lloyd-Jones propõe: 1) o caráter do crente – Mateus 5.3-10; 2) a reação do mundo ao caráter do crente – Mateus 5.11-12; 3) a relação do crente com o mundo – Mateus 5.13-16; 4) o crente diante da lei – Mateus 5. 17-48; 5) a vida do crente diante de Deus – Mateus 6; e 6) o crente e o temor a Deus – Mateus 7. De acordo com essa divisão, as bem-aventuranças se encaixariam tanto no caráter do cristão como na reação do mundo a esse caráter.³⁵

Com o que foi exposto acima, pode-se responder às questões anteriormente propostas. O Sermão do Monte foi preservado pela tradição por ser uma coletânea de ditos de Cristo sobre o discipulado e o Reino de Deus; ele funciona na narrativa como o primeiro sermão, ou antologia de ditos, a aparecer no Evangelho de Mateus, trazendo noções sobre o Reino de Deus e o caráter do cristão; e, por fim, o texto se encaixa nos propósitos narrativos de Mateus ao demonstrar a realidade espiritual do Reino de Deus e a mudança de vida pela qual o discípulo precisa passar, moldando seu caráter ao padrão deste Reino.

3. ANÁLISE DO TEXTO

Partindo para a análise do texto, a seguir serão apresentadas a análise de personagem, focando na figura de Jesus como mestre; a análise léxica do termo *makarios*; a análise estilística; a análise verso a verso, na qual será demonstrada as “categorias” de bem-

³¹ Outras maneiras de se interpretar a estrutura do livro são a estrutura Geográfica e a estrutura Cristológica (CARSON; MOO; MORRIS, 1997, p. 67-68).

³² FEE; STUART, 2011, p. 159; MORRIS, 2003, p. 137; CARSON; MOO; MORRIS, 1997, p. 69.

³³ TASKER, R. V. G. *Mateus: introdução e comentário*. São Paulo: Vida Nova, 1980, p. 47.

³⁴ FRANCE, 2009, p. 1358.

³⁵ LLOYD-JONES, 2015, p. 22-23.

aventuranças; e a análise teológica, que relacionará as bem-aventuranças com as doutrinas do da fé cristã.

3.1 Análise de personagens: Jesus enquanto Mestre

Uma vez que Mateus “deixa claro que os discípulos aprenderam muitas coisas importantes de Jesus” (Mt 13.51; 16.11-12; 17.13),³⁶ e que Jesus faz o papel de mestre na passagem analisada, faz-se necessário estudar essa faceta do Cristo: como ele atuou nessa função durante seu ministério terreno? O que ele ensinou? Qual a importância de seus ensinamentos?

Segundo Gardner, o ensino de Jesus em seu ministério terreno se concentrou em quatro grandes áreas:³⁷ 1) Ensino sobre si mesmo (Lc 2.49; Jo 5.17-18; 14.10; 17.5, 24); 2) Ensino sobre o Pai (Mt 6.9, 31-34; 10.29; 24.36; 26.39; Mc 13.19; Jo 20.17); 3) Ensino sobre o Reino (Mt 21.28-32); e 4) Ensino sobre o Espírito Santo (Mt 10.19-20; 12.31-32; Mc 12.36; Jo 3.5; 4.34; Jo 14.15-17; Jo 16.12-16).

Além disso, outra área que se destaca no ensino de Jesus é na área ética. Apesar de alguns rejeitarem sua teologia, a sua ética é elogiada e a ela é atribuída significado permanente. Exemplo disso é a Teologia Liberal, que coloca a ética ensinada por Jesus como um padrão de conduta ideal, válido para todas as épocas.³⁸ Para Ladd, a ética ensinada por Jesus reflete o padrão de justiça de um Deus santo, válido para qualquer era.³⁹

Dessa maneira, Cristo atuou como mestre em seu ministério terreno ensinando seus discípulos sobre Deus, seu Reino e sua ética. Todavia, onde se encaixam as bem-aventuranças no ensino de Jesus? Diversos autores concordam que as bem-aventuranças são qualidades do caráter do cristão regenerado e participante do Reino de Deus,⁴⁰ descrevendo o perfil do discípulo⁴¹ e sua conduta perante Deus e o mundo.⁴² Logo, as bem-aventuranças se encaixam no ensino de Cristo no que diz respeito ao Reino de Deus e a ética que o discípulo e participante desse reino precisa manifestar em seu caráter e conduta.

3.2 Análise léxica: *makarios*

Apesar de ser uma forma literária comum tanto na literatura grega quanto na judaica,⁴³ há muita discussão sobre o significado da expressão grega *makarios*: algumas traduções optam por *bem-aventurados*, outras por *felizes* e, ainda, outras por *abençoados*. Logo abaixo serão analisadas essas e outras opções e quais as implicações de cada uma.

³⁶ MORRIS, 2003, p. 165.

³⁷ GARDNER, Paul. Jesus (Cristo, o Senhor). In: GARDNER, Paul. **Quem é quem na Bíblia Sagrada**. São Paulo: Vida, 2005, p. 331-335.

³⁸ LADD, 2003, p. 164.

³⁹ LADD, 2003, p. 172.

⁴⁰ TASKER, 1980, p. 48.

⁴¹ FRANCE, 2009, p. 1369.

⁴² STOTT, 1985, p. 11, 27.

⁴³ KEENER, Craig S. **Comentário histórico-cultural da Bíblia**: Novo Testamento. São Paulo: Vida Nova, 2017, p. 57.

Primeiramente, Shedd opta pelo termo *felizes* como tradução de *makarios*. Para o autor, essa felicidade que o texto fala é causada pela fé, pela qual o cristão recebe os benefícios prometidos no texto.⁴⁴ Logo, ao optar-se por essa tradução, entende-se que o homem verdadeiramente feliz é aquele que, pela fé, vive de acordo com as bem-aventuranças e desfruta das bênçãos recitadas por Cristo.⁴⁵

Todavia, há quem discorde que *felizes* é a melhor tradução para *makarios*. Exemplo disso é Carson, que, baseado na tradução do termo para o latim, *beatus*, defende que a opção por *felizes* deixa a desejar, sendo que *benção* (ou *abençoados*) seria a opção correta.⁴⁶ Segundo esse ponto de vista, o discípulo que molda seu caráter a partir das bem-aventuranças é o verdadeiramente abençoado, ou seja, aquele que possui a aprovação de Deus em seu Reino.⁴⁷

Outro significado, proposto por France, que discorda das duas anteriores, é que *makarios* é um termo que designa *congratulação, recomendação, qualidades que devem ser imitadas e definem a vida com qualidade*.⁴⁸ Optando-se por essa tradução, define-se que o discípulo que manifesta em seu caráter as bem-aventuranças é um exemplo para os homens, e deve ser visto e imitado pelos demais.

Apesar das várias interpretações, percebe-se que elas não são, necessariamente, contraditórias, podendo ser adotadas em conjunto. Ou seja, o bem-aventurado é o discípulo que encontrou a perfeita felicidade, porque é abençoado e aprovado por Deus e participante do seu Reino, servindo como padrão e modelo de caráter para os seus semelhantes.

3.3 Análise literária e estilística

A respeito da estilística da passagem, citam-se duas técnicas: 1) Lloyd-Jones reconhece, nas bem aventuranças, a presença de um *paralelismo*, pois, para o autor, a humildade de espírito relaciona-se com os misericordiosos (v. 3, 7); os que choram relaciona-se com os limpos de coração (v. 4, 8); e os mansos com os pacificadores (v. 5, 9);⁴⁹ 2) Carson destaca a presença da técnica chamada *inclusio* (inclusão), que consiste em começar e terminar um discurso com a mesma expressão, no caso das bem-aventuranças, “porque deles é o reino dos céus” (v. 3, 10), o uso dessa técnica define que tudo que se encontra entre os versos iguais faz parte do mesmo tema, nesse caso, do Reino dos Céus.⁵⁰

⁴⁴ SHEDD, 1998, 13.

⁴⁵ Além disso, ao optar-se pela tradução *felizes*, abre-se um interessante diálogo com a filosofia, pois, como comenta o professor Clóvis de Barros Filho, sempre houve, na história do pensamento, “uma grande luta ou disputa pela identificação das condições de uma vida feliz” (BARROS FILHO, Clóvis de; KARNAL, Leandro. **Felicidade ou morte**. Campinas: Papirus 7 Mares, 2016, p. 8). O autor ainda sugere que a humanidade fala tanto sobre a felicidade por causa de sua falta, ausência e escassez (p. 7, 8). Nesse sentido, a contribuição bíblica para a discussão sobre a felicidade estaria nas bem-aventuranças: a felicidade verdadeira é sentida quando se vive a ética do Reino de Deus e se desfruta de suas bênçãos.

⁴⁶ CARSON, 2018, p. 16.

⁴⁷ CARSON, 2018, p. 16.

⁴⁸ FRANCE, 2009, p. 1369.

⁴⁹ LLOYD-JONES, 2015, p. 109.

⁵⁰ CARSON, 2018, p. 17.

3.4 Análise verso a verso

Antes de analisar propriamente as bem-aventuranças, vale citar o estudo de Blomberg, que relaciona cada uma das bem-aventuranças com um texto do Antigo Testamento: 1) humildes de espírito – Isaías 61.1; 2) os que choram – Isaías 61.2; 3) mansos – Salmo 37.11; 4) fome e sede de justiça – Isaías 55.1-3; 4) misericordiosos – Êxodo 34.6; 5) limpos de coração – Salmo 54.3-5; 6) pacificadores – Salmo 34-14; 7) perseguição pela justiça – profetas, principalmente Jeremias.⁵¹

A seguir, para demonstrar e defender a hipótese da *sequência lógica e espiritual* das bem-aventuranças, as mesmas serão divididas e analisadas em três diferentes categorias: bem-aventuranças de arrependimento, de santificação e de consequência. Todavia, não é a intenção oferecer uma análise exaustiva de cada bem-aventurança, mas sim demonstrar um panorama geral e a maneira como elas se relacionam entre si.

3.4.1 Bem-aventuranças de arrependimento

A primeira bem-aventurança de arrependimento é a *humildade, ou pobreza, de espírito* (v. 3). Entender essa primeira bem-aventurança é essencial para o intérprete, pois, como comenta Lloyd-Jones, “ela serve de chave para a compreensão de tudo quanto vem em seguida”,⁵² pois um cristianismo verdadeiro sempre começa pela humildade de espírito.⁵³

A palavra para *humildes, ou pobres, no grego é ptochos*, e significa muito mais do que dependência financeira, mas refere-se à humilde condição que gera mendigos; e, inicialmente, era utilizada literalmente para descrever necessidades materiais, mas logo essa pobreza recebeu nuances espirituais, pois esses necessitados tinham refúgio e eram dependentes de Deus (Pv 16.19; Is 6.5; 57.15; Lc 5.8).⁵⁴ Logo, a dependência de Deus torna-se uma característica fundamental do cidadão do seu Reino, e “todas as demais características são, em certo sentido, resultantes dessa primeira qualidade”.⁵⁵

Uma interpretação equivocada da expressão *pobres de espírito* levou à criação do chamado voto de pobreza, no qual monges se voluntariam a uma vida renúncia a todos os bens materiais,⁵⁶ em busca de maior santidade. Todavia, Jesus aqui não fala sobre privação financeira ou carência material,⁵⁷ pois a humildade de espírito é o reconhecimento da falência espiritual e da própria indignidade perante Deus;⁵⁸ é encarar a própria miserável condição de

⁵¹ BLOMBERG, Craig L. Mateus. In: BEALE G. K.; CARSON D. A. **Comentário do uso do Antigo Testamento no Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2014, p. 25.

⁵² LLOYD-JONES, 2015, p. 37.

⁵³ WESLEY, 2012, p. 68.

⁵⁴ SHEDD, 1998, p. 15; STOTT, 1985, p. 28. Uma curiosidade sobre essa bem-aventurança é que a expressão *pobres de Espírito* era usada pelos essênios de Qumran para designar os membros de sua comunidade (1Qm 14.6), pois esse grupo entendia a pobreza como uma virtude, pois era uma vida livre de avarezas, e quem vivia dessa maneira se conformava a vontade de Deus (RUPPENTHAL NETO, Willibaldo. **As religiões no tempo de Jesus**. São Paulo: Fonte Editorial, 2019, p. 42-43).

⁵⁵ LLOYD-JONES, 2015, p. 37.

⁵⁶ LLOYD-JONES, 2015, p. 39; STOTT, 1985, p. 21.

⁵⁷ CARSON, 2018, p. 17.

⁵⁸ CARSON, 2018, p. 18.

pecador⁵⁹ que nada possui e depende inteiramente da misericórdia e graça de Deus;⁶⁰ é saber que se é “desprezível, pobre, miserável, cego e nu”.⁶¹ Reconhecer a própria pecaminosidade e miséria e tornar-se um humilde de espírito é o primeiro passo para a corrida espiritual e é a mais profunda forma de arrependimento.⁶²

O reconhecimento que a humildade de espírito possibilita do próprio pecado e indignidade perante Deus leva a uma tristeza que caracteriza a segunda bem-aventurança: o choro (v. 4). Quando Jesus se refere *aos que choram*, não fala sobre tristeza terrena ou luto, mas sim aos que choram pela tristeza causada pelo arrependimento de seus pecados.⁶³ Além disso, é a tristeza e o choro espiritual que resulta da humildade de espírito (Sl 51.1-19; Is 6.5; Rm 7.24).⁶⁴

Esse também é o choro resultante dos pecados alheios: do fato de poder enxergar a miséria do mundo e das outras pessoas (Sl 119.136);⁶⁵ como comenta Kempis, em sua obra *Imitação de Cristo*, no livro 1, capítulo 22: “quanto mais espiritual um homem deseja ser, mais amarga se torna para ele essa vida presente, porque percebe melhor e vê mais claramente os defeitos da corrupção humana”.⁶⁶

Assim, aquele que chega ao ponto de chorar pelo estado pecaminoso de sua vida e da humanidade é quem já começou a experimentar o arrependimento,⁶⁷ por isso as duas primeiras bem-aventuranças são as *de arrependimento*: o homem inicia seu caminho no discipulado do Reino de Deus quando reconhece seu próprio pecado e entende que, sozinho, jamais poderia se chegar a Deus, tornando-se completamente dependente de sua graça e misericórdia, e, em seguida, entristece-se e chora, arrependendo-se completamente da afronta de seu pecado.

3.4.2 Bem-aventuranças de santificação

A primeira bem-aventurança dessa categoria é a *mansidão* (v. 5). A palavra grega *praiis* ganha significados como “gentil”, “humilde”, “atencioso” e “cortês”, relacionando-se com o autocontrole;⁶⁸ de maneira que Wiersbe afirma que era usada para descrever “um cavalo domado e se refere ao poder sob controle”.⁶⁹ Ao contrário do que se pode imaginar, mansidão

⁵⁹ COLLI, G. A.; OLIVEIRA, E. C. T. O Conceito de 'Pobres de espírito' em Mateus 5.3. **Teologia e espiritualidade**, v. 3, p. 79-93, 2015, p. 92. Os autores comentam ainda que “a característica do ‘pobre de espírito’ é saber que ele depende completamente de Deus, não existe autogoverno no pobre de espírito, mas sim uma disposição para a obediência, para a submissão a Deus e a sua palavra” (p. 92).

⁶⁰ LLOYD-JONES, 2015, p. 45.

⁶¹ WESLEY, 2012, p. 69.

⁶² WESLEY, 2012, p. 71; CARSON, 2018, p. 18.

⁶³ LLOYD-JONES, 2015, p. 48; STOTT, 1985, p. 30.

⁶⁴ CARSON, 2018, p. 19; LLOYD-JONES, 2015, p. 52.

⁶⁵ LLOYD-JONES, 2015, p. 53.

⁶⁶ KEMPIS, T. A. **A imitação de Cristo**: e a centralidade da cruz na luta contra a carne. Santo Amaro: Shedd, 2001, p. 46.

⁶⁷ LLOYD-JONES, 2015, p. 54. O Catecismo de Heidelberg segue essa linha quando responde, na pergunta 89, que a mortificação do velho homem é “a profunda tristeza pelo fato de termos provocado a Deus com os pecados, e cada vez mais odiá-los e afastar-nos deles” (BEEKE, Joel R.; FERGUSON, Sinclair B. **Harmonia das confissões de Fé Reformadas**. São Paulo: Cultura Cristã, 2006, p. 106).

⁶⁸ STOTT, 1985, p. 32.

⁶⁹ WIERSBE, 2006, p. 24.

não tem a ver com fraqueza, pelo contrário, ela é compatível com força de caráter, autoridade e poder.⁷⁰ Na Bíblia, exemplos de mansidão podem ser vistos em Abraão (Gn 13.1-13) e Moisés (Nm 12.3), todavia, o maior exemplo de mansidão está na figura de Cristo (Mt 11.28-29; Fp 2.1-11).

A bem-aventurança destinada aos mansos só é possível após a humildade de espírito: “ninguém pode ser manso, exceto se já se viu como um vil pecador”, pois não há nada em si de que possa se vangloriar, e sabe que ninguém fará contra ele algo tão mal quando o que ele fez a Deus com seu pecado.⁷¹

Seguindo, logicamente, às bem-aventuranças anteriores, a *fome e sede de justiça* (v. 6) não diz respeito à retidão geral ou moralidade entre nações, mas ao desejo de libertar-se do pecado que entristece aquele que experimentou a humildade de espírito.⁷² Carson afirma que a palavra *justiça*, no Evangelho de Mateus, refere-se à “um padrão de vida em conformidade com a palavra de Deus”, logo, essa bem-aventurança refere-se àqueles que, arrependidos do pecado, desejam, com todas as forças, viver conforme a vontade de Deus.⁷³

A bem-aventurança seguinte diz respeito aos *misericordiosos* (v. 7), que são os que, conscientes de seu estado pecaminoso, sabem que são alvos da misericórdia do próprio Deus e que, sem essa misericórdia, seriam condenados.⁷⁴ Assim, percebendo a atitude de amor de Deus perante sua miséria, agem da mesma maneira perante a miséria do próximo (At 7.60).⁷⁵ O maior exemplo da misericórdia divina para com o ser humano é o de Cristo (Mt 6.34).

A próxima bem-aventurança refere-se aos *limpos de coração* (v. 8). O coração, na Bíblia, não se refere apenas aos sentimentos, mas sim ao verdadeiro “eu”, pois tem a ver com o pensar, considerar, avaliar, resolver, planejar, regozijar-se e entristecer-se.⁷⁶ Nos tempos de Jesus, a “contaminação” era causada pelo contato com gentios impuros ou alimentos proibidos, mas, nessa bem-aventurança, Cristo fala da pureza moral, não simplesmente da cerimonial (Sl 24.3-4; 51.10; Mt 23.25-28; Mc 7.15-23; Lc 11.39).⁷⁷ Ou seja, ao perceber o coração impuro que possui, o pecador se arrepende e tem o coração purificado da mesma maneira que Deus é puro, desejando, a partir disso, viver para a glória de Deus em todos os aspectos da vida.⁷⁸

Por fim, a última bem-aventurança de santificação diz respeito aos *pacificadores* (v. 9). Estes são aqueles que, da mesma maneira que Cristo, o príncipe da paz, pacificou a relação do

⁷⁰ LLOYD-JONES, 2015, p. 61.

⁷¹ LLOYD-JONES, 2015, p. 62, 63.

⁷² LLOYD-JONES, 2015, p. 66, 69, 70.

⁷³ CARSON, 2018, p. 24.

⁷⁴ TASKER, 1980, p. 49-50.

⁷⁵ SHEDD, 1998, p. 75; WESLEY, 2012, p. 86.

⁷⁶ SHEDD, 1998, p. 85.

⁷⁷ SHEDD, 1998, p. 86; STOTT, 1985, p. 38.

⁷⁸ WESLEY, 2012, p. 96; LLOYD-JONES, 2015, p. 100, 103.

homem com Deus (Rm 5.1),⁷⁹ desejam promover a paz,⁸⁰ esforçando-se para efetuar reconciliações⁸¹ e fazendo o bem a todos.⁸²

Logo, as bem-aventuranças compreendidas em Mateus 5.5-9 são *de santificação* porque, após passar pelo arrependimento, o homem deseja mudar seu caráter, tornando-o semelhante ao de Cristo, se tornando manso, justo, puro, misericordioso e pacificador, para, assim, continuar sua caminhada pelo discipulado do Reino de Deus.

3.4.3 Bem-aventurança de consequência

A última bem-aventurança, dedicada aos *perseguidos por causa da justiça* (v. 10-12), é a bem-aventurança de consequência, pois ela deriva da mudança de caráter efetuada pelas bem-aventuranças anteriores. De modo geral, os cristãos perseguidos nessa passagem são os que desejam viver como Cristo viveu,⁸³ pois, a partir do momento em que Ele se retirasse do mundo, o ódio direcionado a ele seria convertido aos discípulos⁸⁴ (Mt 24.9; Mc 13.9; Lc 21.16-17; Jo 15.18; 2Tm 3.12; 1Jo 3.13-14).

Dessa maneira, a *sequência lógica e espiritual* ocorre, nas bem-aventuranças, na medida em que o homem reconhece seu pecado e arrepende-se verdadeiramente (v. 3-4), para então, com a ajuda do Espírito Santo, mudar seu caráter e, em busca de santidade, tornar-se como Cristo (v. 5-9), e a consequência disso é que o discípulo torna-se um *hóspede indesejado* no mundo e sofre perseguições, assim como Cristo e os profetas sofreram (v. 10-12).

3.5 Análise teológica

A análise teológica de um texto busca compreender como tal passagem se encaixa dentro do *corpus* da revelação da dogmática cristã.⁸⁵ A passagem das bem-aventuranças pode ser relacionada com duas doutrinas da teologia cristã: o *arrependimento* e a *santificação*.

Sobre o *arrependimento*, os estudiosos o relacionam com a *fé*, para, juntos, formarem aquilo que é conhecido como *conversão*.⁸⁶ Hoekema define arrependimento como “o abandono consciente, por parte da pessoa regenerada, do pecado, e uma volta para Deus, numa completa mudança de vida, manifestando-se numa nova maneira de pensamento, sentimento e vontade”.⁸⁷ A humildade de espírito é indispensável para o arrependimento: é

⁷⁹ CARSON, 2018, p. 28.

⁸⁰ SHEDD, 1998, p. 101.

⁸¹ TASKER, 1980, p. 50.

⁸² WESLEY, 2012, p. 101.

⁸³ CARSON, 2018, p. 29. Lloyd-Jones (2015, p. 125) afirma que, ao tentar *imitar* a Cristo, o mundo elogiará ao cristão, no entanto, quando se tenta *tornar-se* como Cristo, o mundo o odiará como fez com o Messias.

⁸⁴ TASKER, 1980, p. 50. Nessa fala, Jesus estava indicando que os discípulos teriam uma missão extraordinária, pois Ele os compara aos profetas, sendo que, naquela época, a crença na existência de profetas como os do Antigo Testamento era escassa entre os judeus (KEENER, 2017, p. 57).

⁸⁵ STUART; FEE, 2008, p. 228.

⁸⁶ HOEKEMA, Anthony A. **Salvos pela graça**. 4.ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2018, p. 111, 121. Millard Erickson comenta que fé e arrependimento se complementam, pois, arrependendo-se dos pecados, percebe-se a necessidade da fé em Cristo para a provisão de justiça; enquanto que, ao ter fé no sacrifício de Cristo, o homem torna-se consciente do pecado e isso o conduz ao arrependimento (ERICKSON, Millard J. **Teologia sistemática**. São Paulo: Vida Nova, 2015, p. 905).

⁸⁷ HOEKEMA, 2018, p. 125.

fácil apontar e exortar o pecado alheio, mas é difícil ver o próprio pecado, sendo necessário o entendimento da própria condição pecadora e da total dependência em Deus.⁸⁸ Por fim, faz-se importante ressaltar os três elementos do arrependimento:⁸⁹ 1) o *elemento intelectual* acontece quando há um *epignosis hamartias* (conhecimento do pecado), ou seja, um reconhecimento do próprio pecado, da culpa e do desamparo (Mt 5.3; Rm 3.29); 2) o *elemento emocional* deriva da *lupe kata theou* (tristeza segundo Deus), manifestada pela consciência do pecado contra um Deus santo (Mt 5.4; Sl 51.2,10,14); e 3) o *elemento volitivo* consiste no abandono do pecado e na mudança de propósito, de caráter (Mt 5.5-9; Sl 51.5,7,10).

A *santificação*, por sua vez, é definida, pelo Breve Catecismo de Westminster, pergunta 35, como “a obra da livre graça de Deus, pela qual somos renovados em todo o nosso ser, segundo a imagem de Deus, e habilitados a morrer cada vez mais para o pecado e a viver para a retidão”,⁹⁰ e o Catecismo Maior de Westminster, na pergunta 74, completa afirmando que ela só ocorre “tendo os germes do arrependimento que conduz à vida”.⁹¹ O padrão da santificação deve sempre ser a imagem de Cristo,⁹² assim como as bem-aventuranças de santificação, que demonstram, cada uma, uma qualidade do caráter do próprio Jesus. Por fim, vale citar o caráter processual da santificação, pois ela é um processo regular na vida do discípulo, apesar de que, nessa vida, o homem nunca estará completamente livre do pecado (Ec 7.20; Lc 11.4; 2Co 3.18; Fp 3.13-14; 1Jo 1.8).⁹³

4. CORRELAÇÕES DO TEXTO

Mesmo com nenhum dos evangelistas indicando que sua obra deveria ser lida paralelamente a outros Evangelhos, o intérprete deve exercitar o chamado *pensar horizontalmente*: ter a consciência da existência de paralelos e aumentar as possibilidades de análise.⁹⁴ As bem-aventuranças têm paralelo com o texto conhecido como Sermão da Planície:⁹⁵

Então, olhando ele para os seus discípulos, disse-lhes: Bem-aventurados vós, os pobres, porque vosso é o reino de Deus. Bem-aventurados vós, os que agora tendes fome, porque sereis fartos. Bem-aventurados vós, os que agora chorais, porque haveis de rir. Bem-aventurados sois quando os homens vos odiarem e quando vos expulsarem da sua companhia, vos injuriarem e rejeitarem o vosso nome como indigno, por causa do Filho do Homem.

⁸⁸ MURRAY, John. **Redenção consumada e aplicada**. 2.ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2010, p. 104.

⁸⁹ BERKHOF, Louis. **Teologia sistemática**. 4.ed. rev. São Paulo: Cultura Cristã, 2012, p. 448.

⁹⁰ BEEKE; FERGUSON, 2006, p. 101.

⁹¹ BEEKE; FERGUSON, 2006, p. 101.

⁹² HOEKEMA, 2018, p. 187.

⁹³ GRUDEM, Wayne. **Bases da fé cristã: 20 fundamentos que todo cristão precisa entender**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2018, p. 126.

⁹⁴ FEE; STUART, 2011, p. 162-163.

⁹⁵ Tendo em vista a existência do Sermão da Planície, novamente é necessário visitar a teoria de que os sermões de Jesus em Mateus são, na verdade, cinco grandes antologias temáticas de seus ensinamentos. Howard Marshall informa que, provavelmente, Mateus aumentou a versão encontrada em Lucas ao acrescentar outros ditos sobre a mesma temática (MARSHALL, I. Howard. Lucas. In: CARSON, D. A. [et al.]. **Comentário bíblico**: Vida Nova. São Paulo: Vida Nova, 2009, p. 1490).

Regozijai-vos naquele dia e exultai, porque grande é o vosso galardão no céu; pois dessa forma procederam seus pais com os profetas (Lc 6.20-23).

Novamente é possível notar que Jesus dirige-se aos discípulos (v. 20), significando que suas palavras endereçam-se a eles.⁹⁶ Jesus fala dos *pobres* (v. 20), que, para Aquino, “são aqueles que fazem parte do povo de Deus, aqueles que não se comportam como amantes do dinheiro, aqueles que valorizam e servem Deus acima de mamom, aqueles que sofrem nesta vida por terem escolhido buscar os valores do reino”.⁹⁷ Além disso, Lucas enfatiza, nesse caso, as necessidades, pois cita apenas *os que têm fome* (v. 21), e não fala da fome e sede por justiça; também fala dos *que choram*, prometendo que eles ainda haveriam de rir (v. 21); e, por fim, ao falar sobre a *perseguição* (v. 22-23), Marshall entende que Jesus falava “dos privilégios e das implicações de ser um discípulo”.⁹⁸

Dessa maneira, percebe-se que o texto das bem-aventuranças em Mateus relaciona-se com o Sermão da Planície de Lucas. Ainda assim, o texto de Mateus possui particularidades, não sendo apenas uma cópia. Uma das particularidades é a organização optada pelo autor, que, como visto, possibilita que as bem-aventuranças de Mateus 5 sejam relacionadas umas com as outras e interpretadas dentro da possibilidade de serem uma *sequência lógica e espiritual*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De tudo que pôde ser concluído com o exposto nesta pesquisa, destacam-se seis ideias que se sobressaem a respeito das bem-aventuranças. A primeira é que, assim como todo o Sermão do Monte, as bem-aventuranças foram direcionadas aos discípulos de Jesus (Mt 5.1; Lc 6.20), ou seja, somente demonstram as características e gozam das bênçãos ali elencadas aqueles que se dispõem a percorrer um caminho de discipulado com Cristo.

A segunda conclusão é a de que as bem-aventuranças demonstram qual o caráter e como o mundo trata os discípulos de Cristo, pois, como conclui-se em terceiro lugar, o ensino das bem-aventuranças se encaixa naquilo que Jesus demonstra sobre a ética do Reino de Deus.

Em quarto lugar, como observado no uso da expressão *makarios*, as bem-aventuranças demonstram a felicidade perfeita do discípulo, pois descrevem qual o caráter aprovado por Deus e que serve de exemplo para os demais. A quinta conclusão é que as bem-aventuranças encaixam-se, na teologia cristã, nas doutrinas do arrependimento e da santificação, sendo a primeira parte da conversão e a segunda a renovação do caráter à imagem de Cristo.

Por fim, o mais importante que se conclui deste artigo é que a teoria de que as bem-aventuranças são organizadas numa *sequência lógica e espiritual* é uma possibilidade plausível, pois, de acordo com essa visão, o homem percebe seu pecado e dependência de Deus, entristecendo-se profundamente e caracterizando as *bem-aventuranças de*

⁹⁶ MORRIS, Leon. **Lucas**: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 1983, p. 120.

⁹⁷ AQUINO, J. P. T. Bem-aventurados os pobres e aí dos ricos: lendo Lucas 6.20 e 24 em contexto. **Fides Reformata**: São Paulo, v. 24, n. 1, p. 51-76, 2019, p. 68.

⁹⁸ MARSHALL, 2009, p. 1491.

arrependimento, para, em seguida, buscar mudar seu caráter, tornando-o semelhante ao de Cristo, desenvolvendo as *bem-aventuranças de santificação*. Diante dessa escolha, o discípulo de Cristo, aquele que está disposto a tornar-se semelhante ao seu mestre, é perseguido pelo mundo, assim como Jesus foi, e essa é a *bem-aventurança de consequência*. Logo, é possível inferir que as bem-aventuranças, acima de tudo, descrevem o caminho do homem em discipulado com Cristo.

REFERÊNCIAS

AQUINO, J. P. T. Bem-aventurados os pobres e ai dos ricos: lendo Lucas 6.20 e 24 em contexto. **Fides Reformata**: São Paulo, v. 24, n. 1, p. 51-76, 2019.

BARROS FILHO, Clóvis de; KARNAL, Leandro. **Felicidade ou morte**. Campinas: Papyrus 7 Mares, 2016. (Coleção Papyrus Debates).

BEEKE, Joel R.; FERGUSON, Sinclair B. **Harmonia das confissões de Fé Reformadas**. São Paulo: Cultura Cristã, 2006.

BERKHOF, Louis. **Teologia sistemática**. 4.ed. Revisada. São Paulo: Cultura Cristã, 2012.

BÍBLIA. Português. **Bíblia de promessas**. Versão Revista e Corrigida na grafia simplificada, da tradução de João Ferreira de Almeida. São Paulo: King's Cross, 2010.

BÍBLIA. Português. **Bíblia King James Atualizada (KJA)**. São Paulo: Abba Press & SBIA, 2012.

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**. Traduzida em português por João Ferreira de Almeida. Revista e Atualizada no Brasil. 2.ed. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**: Edição Pastoral. São Paulo: Sociedade Bíblica Católica Internacional / Paulinas, 1990.

BÍBLIA. Português. **Nova Bíblia Viva**. São Paulo: Mundo Cristão, 2010.

BLOMBERG, Craig L. Mateus. In: BEALE G. K.; CARSON D. A. **Comentário do uso do Antigo Testamento no Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2014, p. 1-138.

BLOMBERG, Craig L. Mateus. In: GARDNER, Paul. **Quem é quem na Bíblia Sagrada**. São Paulo: Vida, 2005, p. 442-447.

CARSON, D. A. **O Sermão do Monte**: exposição de Mateus 5 – 7. São Paulo: Vida Nova, 2018.

CARSON, D. A.; MOO, Douglas J.; MORRIS, Leon. **Introdução ao Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1997.

COLLI, G. A.; OLIVEIRA, E. C. T. O Conceito de 'Pobres de espírito' em Mateus 5.3. **Teologia e espiritualidade**, v. 3, p. 79-93, 2015.

ERICKSON, Millard J. **Teologia sistemática**. São Paulo: Vida Nova, 2015.

FEE, Gordon D.; STUART, Douglas. **Como ler a Bíblia livro por livro**: um guia confiável para ler e entender as escrituras sagradas. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2019.

FEE, Gordon D.; STUART, Douglas. **Entendes o que lêes?** Um guia para entender a Bíblia com auxílio da exegese e da hermenêutica. 3.ed. rev. e amp. São Paulo: Vida Nova, 2011.

FRANCE, R. T. Mateus. In: CARSON, D. A. [et al.]. **Comentário bíblico**: Vida Nova. São Paulo: Vida Nova, 2009. p. 1358-1421.

GARDNER, Paul. Jesus (Cristo, o Senhor). In: GARDNER, Paul. **Quem é quem na Bíblia Sagrada**. São Paulo: Vida, 2005. p. 327-343.

GRUDEM, Wayne. **Bases da fé cristã**: 20 fundamentos que todo cristão precisa entender. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2018.

HOEKEMA, Anthony A. **Salvos pela graça**. 4.ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2018.

KEENER, Craig S. **Comentário histórico-cultural da Bíblia**: Novo Testamento. São Paulo: Vida Nova, 2017.

KEMPIS, T. A. **A imitação de Cristo**: e a centralidade da cruz na luta contra a carne. Santo Amaro: Shedd, 2001.

LADD, George Eldon. **Teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Hagnos, 2003.

LLOYD-JONES, David Martyn. **Estudos no Sermão do Monte**. São José dos Campos: Fiel, 2015.

MARSHALL, I. Howard. Lucas. In: CARSON, D. A. [et al.]. **Comentário bíblico**: Vida Nova. São Paulo: Vida Nova, 2009. p. 1472-1535.

MCCONVILLE, Gordon. História Bíblica. In: CARSON, D. A. [et al.]. **Comentário bíblico**: Vida Nova. São Paulo: Vida Nova, 2009. p. 43-75.

MORRIS, Leon. **Lucas**: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 1983.

MORRIS, Leon. **Teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2003.

MURRAY, John. **Redenção consumada e aplicada**. 2.ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2010.

RUPPENTHAL NETO, Willibaldo. **As religiões no tempo de Jesus**. São Paulo: Fonte Editorial, 2019. (Coleção Cristianismo Primitivo em Debate).

SHEDD, Russel P. **A felicidade segundo Jesus**: reflexões sobre as bem-aventuranças. São Paulo: Vida Nova, 1998.

STOTT, W. R. J. **A mensagem do Sermão do Monte**. 3.ed. São Paulo: ABU, 1985.

STUART, Douglas; FEE, Gordon D. **Manual de exegese bíblica**. São Paulo: Vida Nova, 2008.

TASKER, R. V. G. **Mateus**: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 1980.

WESLEY, John. **O Sermão do Monte**. São Paulo: Vida, 2012.

WIERSBE, Warren W. **Comentário bíblico Expositivo: Novo Testamento**. Santo André: Geográfica, 2006.